# CERIMÔNIA, VIOLÊNCIA E INDIFERENÇA: ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE PELOTÃO E GENERAL

**Beatriz Mendes e Madruga (UFRN)**[1]

**Andrey Pereira de Oliveira (UFRN)**

**RESUMO**

O presente trabalho analisa, comparativamente, dois contos publicados durante a ditadura militar brasileira, por diferentes escritores: "O Pelotão", da autoria de Sérgio Sant'Anna, e "O General está pintando", de Hermilo Borba Filho. As semelhanças entre os dois escritos incluem violência, anonimato, brutalidade e indiferença em relação à morte. Para empreender a análise comparativa, vale-se da perspectiva dialética de Candido (2014) entre literatura e sociedade; e da perspectiva de inseparabilidade entre forma estética e conteúdo da obra (CANDIDO, 2014; BAKHTIN, 2015).

**Palavras-chave:** Literatura; Ditadura; Sérgio Sant'Anna; Hermilo Borba Filho.

A literatura produzida durante a ditadura civil-militar brasileira (1964-1985) é marcada por um cenário de tensões políticas, sociais e militantes correspondentes ao cenário nacional desse período. A instauração do golpe em 1964 interrompe uma sequência de articulação entre classe artística e movimentos sociais que vinha, até então, sendo organizada: num grande florescimento cultural, trabalhadores rurais e urbanos, estudantes, intelectuais, vinham organizando-se em diversos movimentos sociais (RIDENTI, 2000). O golpe instala essa primeira cisão, que se desdobrará em diversas outras fissuras políticas, artísticas, sociais, em um país que passará por uma sucessão de presidentes militares eleitos via voto indireto.

Esse contexto tenso incluirá, ainda, um período forte de censura às obras de arte: em dezembro de 1968, o presidente Costa e Silva estabeleceu o Ato Institucional n. 5, que permitia ao governo, por exemplo, decretar intervenções nos municípios e estados, cassar mandatos, fechar o Congresso, confiscar bens, decretar estado de sítio, censurar a imprensa (STEPHANOU, 2001). As garantias individuais previstas via Constituição estavam suspensas (STEPHANOU, 2001). Essa suspensão, somada à censura estabelecida, gerou uma sequência de perseguições e prisões de jornalistas, escritores,

[1] Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Contato: beatrizmadruga@gmail.com

artistas. A censura a jornais e ao teatro e música será forte nos anos imediatos ao AI-5, um aspecto que terminou por reforçar, ainda mais, as características tensionais da política desse período. A censura a livros, por sua vez, será mais acachapante no governo Geisel (1974-1979), um pouco depois dos conhecidos anos de chumbo que sucederam o AI-5 (REIMÃO, 2014).

As duas narrativas aqui postas em análise foram publicadas em livro no ano de 1973. O conto de Sérgio Sant'Anna, "O Pelotão", integra o livro *Notas de Manfredo Rangel, Repórter (a respeito de Kramer)*, da editora Civilização Brasileira; o conto "O General está Pintando", de Hermilo Borba Filho, foi publicado no livro de título homônimo, pela editora Globo. O contexto supracitado serve de início compreensivo para o conteúdo desses dois contos: truculência militar; sequência de atos institucionais cujo ápice dá-se em 68 com o AI-5; censura a obras artísticas; e ano imediatamente anterior ao ano que reconhece Reimão (2014) como o início do período em que a censura a livros foi mais forte (ano de 1974). A publicação desses dois contos parece fielmente encaixada ao contexto, posto que são tão parecidos em conteúdo e enredo, e datam do mesmo ano de 1973.

As similaridades que uma análise comparativa consegue encontrar são portanto embasadas pelo que o panorama histórico e social consegue apontar. É com essa ideia subjacente que nos serve à análise a consideração de Antonio Candido (2014) sobre a indissociabilidade entre o social e o literário; o social como um dos aspectos presentes em uma obra de arte e sempre indissociável das características da obra. Essa discussão é possível ser endossada por conceitos presentes em Bakhtin (2015), teórico russo que explana sua concepção de literatura pautada em sua ideia sobre discurso: o discurso é fenômeno social em si mesmo, e de igual modo é o discurso dos romances literários; a prosa contém vozes sociais, intenções e ideologias de seu tempo.

**Análise compreensiva**

Em "O Pelotão", um narrador observador descreve os primeiros momentos de uma manhã em um quartel: os soldados do Pelotão Especial acordam nas primeiras horas do dia e organizam-se, disciplinar e silenciosamente, para uma tarefa que têm de cumprir dentro de instantes. Tomam banho, calçam botas, limpam seus fuzis. Marcham em disciplina e organização para o pátio, onde, depois de chegado o Pelotão, vem sendo trazido um prisioneiro, identificado como um professor, mas no conto sempre identificado como prisioneiro. Dois soldados põem o prisioneiro em frente a uma

parede, encarando o Pelotão, que recebe ordens de "preparar armas" e "apontar"; todos os soldados do Pelotão Especial disparam simultaneamente seus fuzis, que atingem, como se fosse um único tiro, o coração do prisioneiro. Em seguida, o corpo é retirado do pátio por soldados, e o Pelotão segue para o refeitório, para um café da manhã que nesse dia tem uma atmosfera um pouco mais especial.

Em "O General está pintando", narrativa que apresenta características de realismo fantástico, presentes também na dramaturgia do autor, temos como cenário uma pequena cidade interiorana. Em uma tarde, soldados descem de um caminhão militar e põem-se a fazer diversas medições do espaço: medem distâncias com fita métrica, fachada da igreja, luminosidade, etc. Dias depois, esse caminhão e esses soldados retornam, e toda a população mantém-se calada e discreta, observando a movimentação: os soldados armam um grande cavalete no meio da praça, sobre o qual colocam uma grande tela branca, e o sargento dá ordens de "empunhar pincéis". Sob os comandos do sargento, os soldados pintam essa grande tela. Nesse momento, aproxima-se um carro (aparentemente, um carro oficial) que traz um General. Esse General irá preparar-se com bastante cerimônia e esmero para começar a pintar a tela que os soldados prepararam; quando inicia, faz seu trabalho muito lentamente, com bastante demora, dando pintura a um pôr-do-sol nessa grande tela. O silêncio é constante; a população apenas observa o que ocorre, os soldados também. Um movimento inesperado vem pela ladeira da esquerda: uma criança corre em direção à igreja, em busca de um padre para sua avó, que está morrendo. Tentam impedir a criança de avançar, mas ela continua a correr, e é atingida por um tiro nas costas disparado por um dos soldados. O sangue da criança esguicha na tela, e o General aproveita o tom de vermelho para terminar de compor seu poente.

As narrativas dos dois autores, publicadas, ambas, em 1973, conservam semelhanças formais e de conteúdo – especialmente de conteúdo. As duas são contadas por narradores observadores, que dão corpo a narrativas bastante descritivas: o narrador descreve com certo detalhamento o espaço e a sequência de acontecimentos, e há menções a falas, nos dois contos, mas não há diálogos nem personagens interagindo diretamente. As narrativas, portanto, são essencialmente de um observador, descritivas, nas quais os personagens praticamente não se colocam diretamente através de falas próprias.

Outra característica comum aos dois contos é o anonimato. E, em ambas as histórias, esse aspecto formal se coaduna com o conteúdo narrado: os personagens não

são nomeados, são todos anônimos, principalmente os civis, principalmente as vítimas. Essa inseparabilidade entre conteúdo e forma é apontada por Antonio Candido, quando comenta as considerações de Croce (1946, apud CANDIDO, 2014) sobre a palavra ser o resultado entre sua forma e seu conteúdo, e sobre portanto o estético não separar-se do linguístico. Compreender um conteúdo artístico depende inexoravelmente de compreender a forma como ele é apresentado.

Nos dois contos, o anonimato inclui todos os personagens, mas de modos distintos: os civis não recebem nome algum, apenas uma identificação de "prisioneiro", "professor", "menino"; os militares também não são nomeados, e sim atendem por suas patentes (soldados, sargentos, pelotão, generais). Nesse arranjo, depreende-se a leitura da indiferença frente aos civis, frente à violência e truculência cometida contra eles; ao mesmo tempo em que pode generalizar esses sujeitos: o prisioneiro professor, por exemplo, é uma vítima icônica para o período do AI-5 e da censura à literatura, onde a perseguição aos intelectuais e estudantes era constante – e, por vezes, levava a prisões, torturas e mortes. A imagem da criança atingida por um tiro nas costas dá margem à interpretação da morte de verdadeiros inocentes; a criança em busca do padre e atingida pelas costas pode ser interpretada como metonímia para isso. No lado diametralmente oposto, o anonimato dos militares os protege de seres responsabilizados pelas truculências cometidas: ao mesmo tempo em que não podem ser identificados nominalmente, podem esconder-se sob as patentes e sob a imposta autoridade dos seus títulos. Para esses personagens, o anonimato caracteriza o comportamento violento e covarde em si mesmo, como que autorizado por um sistema maior – o sistema da ditadura civil-militar.

Outra semelhança entre os contos é o ato final de violência: nas duas histórias, o ápice ocorre quando se comete o ato violento. E, nos dois casos, tem-se esse ato acontecendo de forma covarde, onde, de um lado, há um indivíduo civil, indefeso, e, do outro, um grupo de militares fortemente armados. Essa discrepância também pode ser interpretada em alusão a realidade do período: civis indefesos que enfrentavam, continuamente, um sistema político ancorado e protegido por suas forças militares. Nessa organização estética, vemos o que indica Pavél Medviédev (2016) sobre a presença da ideologia e da realidade na produção artística:

> Nós, de bom grado, imaginamos a criação ideológica como um processo interior de entendimento, de compreensão, de penetração e

> não nos damos conta de que, na realidade, ela está completamente manifesta exteriormente – para os olhos, para os ouvidos, para as mãos –, que ela não se situa dentro de nós, mas entre nós. (MEDVIÉDEV, 2016, p. 48)

Assim, o cenário social que inexoravelmente permeará a arte que for produzida será observado com ainda maior clareza, amplitude de questionamentos, e, também, militância, em algumas peças artísticas do período. Os dois contos fazem isso com maestria, e seguem fazendo quando colocam uma espécie de recompensa para o lado militar após a morte do inocente. O Pelotão tem um café da manhã assim descrito:

> O Pelotão entrou no refeitório e recebeu ordens de sentar-se e ficar à vontade. O Pelotão percebeu que o café da manhã estava melhorado como numa data comemorativa. O Pelotão sabia que não era uma data comemorativa. O Pelotão alegrou-se, ao ver chocolate em vez do café habitual. E bolinhos e doces, ao invés de pão. O Pelotão manteve sua alegria austeramente sob controle. (SANT'ANNA, 1973, p. 56)

Além da noção de recompensa, a menção a não ser uma data comemorativa, mas, ainda assim, ter algo de especial na tarefa cumprida, dá indicativos da truculência mantida à época pelo regime. No conto de Borba Filho, por sua vez, a noção de recompensa não é uma espécie de comemoração, mas de bom proveito: a morte da criança é vista com enorme indiferença, e seu sangue serve para compor um trabalho artístico do General.

Ao lado das semelhanças, observam-se também algumas diferenças ao comparar as duas narrativas. Apesar do ato de violência ser ápice final em ambas, em "O Pelotão", toda a história é uma preparação para esse ato violento, encarado como uma tarefa a ser cumprida; já em "O General está pintando", o ato truculento acontece por acaso, por uma interrupção dos planos.

A linguagem também ressalta diferenças entre as histórias. Em "O Pelotão", a linguagem é contemplada em períodos curtos, vocabulário bastante simples, numa linguagem mecânica, seca, pausada, repetitiva – um ritmo militar, de marcha, de exército, de Pelotão. Os parágrafos também são curtos (o conto, aliás, é um conto breve, pequeno), e a linguagem é bastante descritiva e objetiva. Em "O General está pintando", os períodos são mais longos (assim como os parágrafos e o próprio conto), e a linguagem é mais adjetivada – não é mecânica e seca, pausada, repetida.

Esse aspecto formal da linguagem também se une ao conteúdo que se conta, em cada um dos contos, se atentarmos para a ideia de que a linguagem mecanizada,

repetitiva, em frases curtas e simples, compõe bem a imagem de um Pelotão marchando, organizando-se, cumprindo sua tarefa. E, nesse conto, o enredo e o ápice são ao mesmo tempo (e somente) isso: uma tarefa a cumprir, uma pessoa a matar. Já em "O General...", o estilo muito adjetivado, em períodos longos, em parágrafos também longos e descritivos é mais coerente ao enredo sutilmente absurdo: um General em grande cerimônia e pompa, pintando um quadro – que ele não chega nem a pintar por inteiro, pois os soldados "preparam" a tela antes.

Tal união entre forma e conteúdo estabelece a feitura artística dos dois contos, colocando-os enquanto comunicadores desse período histórico. Desse modo, atribui aos respectivos escritores um papel social desempenhado: "a matéria e a forma da sua obra dependerão em parte da tensão entre as veleidades profundas e a consonância ao meio, caracterizando um diálogo mais ou menos vivo entre criador e público" (CANDIDO, 2014, p. 84). A matéria do conteúdo e a forma de apresentação são indispensáveis para, em conjunto, conduzirem a interpretação de um conto e, mais ainda, à análise comparativa entre dois contos diferentes – mas publicados em um mesmo período.

**Considerações finais**

A leitura comparativa entre o conto de Sérgio Sant'Anna e o conto de Hermilo Borba Filho é mais amplamente compreendida quando situada em seu contexto histórico. O cenário de tensões políticas e sociais, de censura às artes, e de grande truculência militar (um período que contou com personagens presos, torturados, exilados, desaparecidos, também mortos) aparece na arte de seu tempo de diferentes maneiras. Sant'Anna dá tom seco e cadenciado a essa truculência indiferente, que objetificava existências humanas, e podia ser escandalosamente covarde. Borba Filho dá vazão a humor e ironia, preenche com pompa e firulas um cenário grotesco no qual um general pinta, numa grande tela, um sol poente. Valendo-se de diferentes formas estéticas, condensadas no gênero do conto, os dois autores interpretam e denunciam seu período histórico, e, também, seu lugar social e político enquanto artistas e intelectuais à época.

A leitura da literatura de um período social possibilita registra histórico e promove a reflexão crítica, nas gerações contemporâneas ao escrito e nas gerações posteriores, sobre os significados que esse período condensou: significados sociais, políticos, históricos, e, também e quase principalmente, significados artísticos e estéticos. Esses contos desempenham esse papel de maneira icônica e singular.

**Referências bibliográficas**

BAKHTIN, M. *Teoria do romance I*: a estilística. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

CANDIDO, A. *Literatura e Sociedade*. 13ª. Ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2014.

MEDVIÉDEV, P. N. *O método formal nos estudos literários* – introdução crítica a uma poética sociológica. São Paulo: Contexto, 2016.

REIMÃO, Sandra. "Proíbo a publicação e circulação..." – censura a livros na ditadura militar. *Estudos Avançados* v. 10, n. 80, 2014.

REIS, D. A. *Ditadura e Democracia no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

RIDENTI, M. *Em busca do povo brasileiro* – Artistas da revolução, do CPC à era da TV. São Paulo: Record, 2000.

SANT'ANNA. S. *Notas de Manfredo Rangel, Repórter (A Respeito de Kramer)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

STEPHANOU, A. A. *Censura no regime militar e militarização das artes*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.